



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO ÂMBITO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

MARTA DANIELLY JALES ELIAS

**CATOLÉ DO ROCHA
2021**

MARTA DANIELLY JALES ELIAS

**AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO ÂMBITO DA ESTÉTICA DA
RECEPÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

E42c Elias, Marta Danielly Jales.

As construções de sentido no âmbito da estética da recepção:
relato de experiência.

[manuscrito] / Marta Danielly Jales Elias. - 2021.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes ,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Estética da Recepção. 2. Método recepcional. 3. Leitura
Literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARTA DANIELLY JALES ELIAS

**AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO ÂMBITO DA ESTÉTICA DA
RECEPÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Aprovado em 01/06/2021

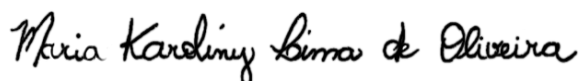
Banca examinadora



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes – UEPB/Campus IV
Orientadora



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/Campus IV
Examinador



Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB/Campus IV
Examinadora

**Catolé do Rocha
2021**

Dedico este trabalho a Deus por me dar forças para lutar pelos meus sonhos e por me manter firme e forte quando pensei que não iria conseguir chegar onde sempre quis. Aos meus pais que não mediram esforços para me ajudar na concretização deste sonho, aos meus amigos e familiares que de alguma forma me incentivaram e acreditaram que eu seria capaz de alcançar meu objetivo.

AGRADECIMENTOS

A palavra que define este momento é gratidão. Sempre carreguei em minha mente o versículo 2 do salmo 91 “Ele é o meu refúgio, a minha fortaleza e nele confiarei.” Sou grata a Deus por ser tão perfeito e sempre me mostrar uma saída, por me dar ânimo, quando pensava que não ia dar certo.

Agradeço a meus pais **Francisco Elias** e **Maria Rivânia**, por sempre me apoiarem e estarem comigo nos momentos de alegria e dificuldade, a minha irmã **Mariana**, por estar ao meu lado me ajudando sempre que preciso, meu namorado **André**, por todo carinho, companheirismo e paciência e em especial a meus avós José Jales (*in memoriam*), **Francisca Batista** por sempre acreditarem no meu potencial e **Espedita Severina** pelo incentivo.

Foram momentos difíceis, de muito desânimo, cansaço, estresse, mas não existem vitórias sem batalhas, gosto de olhar o lado positivo das coisas. Não irei esquecer dos momentos de descontração com os colegas, das risadas, das parcerias, principalmente minha amiga **Edinete**, quem enfrentou comigo esta batalha, como também **Ítalo** e **Gleidiane**.

Gratidão a meus primos e amigos pelas caronas, em especial ao meu primo **João Paulo Saraiva** e **José Márcio** por contribuírem bastante nesse processo e agradeço também a professora **Edvânia Moraes** e seus alunos pela ajuda na aplicação da parte prática deste trabalho.

Obrigada a minhas amigas da cidade Brejo do Cruz, **Maria**, **Suedna** e **Suêrda** que me acolheram na casa delas quando precisei, e a minha querida preceptora do Residência Pedagógica **Sandra Soares** que me ensinou muito sobre o trabalho em sala de aula com muita dedicação e carinho.

Obrigada a minha orientadora **Marta Lúcia**, por me auxiliar neste trabalho, com competência e paciência. Enfim, meu coração transborda de felicidade e gratidão por tudo e por ter conhecido pessoas maravilhosas nesse período da faculdade.

Como a palavra, como uma frase, como uma carta, assim também a obra literária não é escrita no vazio, nem dirigida à posteridade: é escrita sim para um destinatário concreto.

(Werner Krauss)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a teoria da estética da recepção no processo de construção de sentido e a aplicação do método recepcional elaborado por Aguiar & Bordini (1993), a partir da Estética da Recepção. O referido método foi aplicado em sala de aula, especificamente em uma turma do 7º ano de uma escola da rede estadual de ensino em Belém do Brejo do Cruz/PB. Os alunos, sujeitos da pesquisa, foram bastante receptivos à proposta de aplicação do método recepcional, o qual nos possibilitou verificar, na prática, que é possível trabalhar a leitura literária em sala de aula, considerando a importância do papel do leitor no processo de construção de sentidos do texto, com vistas à formação de um leitor proficiente e que perceba o ato de ler como prazeroso. Para fundamentar o trabalho, tivemos como base os estudos de Jauss (1994); Aguiar & Bordini (1993); Candido (2011); Zilberman (1989); Cosson (2014); Colomer (2007).

Palavras-chave: Estética da Recepção. Método recepcional. Leitura Literária.

ABSTRACT

The present work is theoretically based on the Aesthetics of Reception in the conception of Hans Robert Jauss in the process of construction of meaning and the application of the reception method elaborated by Aguiar & Bordini (1993), based on the Aesthetics of Reception. This method was applied in the classroom, specifically in a 7th grade class at a state school in Belém do Brejo do Cruz / PB. The students, subjects of the research, were very receptive to the proposal of applying the reception method, which allowed us to verify, in practice, that it is possible to work on literary reading in the classroom, considering the importance of the role of the reader in the construction process of the text's meanings, with a view to the formation of a proficient reader and who perceives the act of reading as pleasurable. To base the work, we had as a base the studies of Jauss (1994); Aguiar & Bordini (1993); Candido (2011); Zilberman (1989); Cosson (2014); Colomer (2007).

Key words: Aesthetics of Reception. Reception method. literary-reading.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Princípios da Teoria da Estética da Recepção	10
2.2 A leitura literária na perspectiva da Estética da Recepção	12
3 MÉTODO RECEPCIONAL EM SALA DE AULA	18
3.1 Leitura e leitores	18
3.2 Princípios do Método recepcional	19
3.3 Relato de Experiência	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS	

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo abordar a teoria da Estética da Recepção, a qual subsidia novas técnicas e metodologias para o desenvolvimento do leitor. Trata-se também da análise das concepções de leitores, da construção de sentidos e do relato de experiência a partir da aplicação do método recepcional em sala de aula.

Portanto, a Estética da Recepção e, especificamente o método recepcional propõe novos caminhos para a formação de leitores, pois no decorrer de seu desenvolvimento permite aos professores e alunos a oportunidade de conhecerem uma diversidade de textos, o enriquecimento do pensamento crítico, reflexivo, capaz de construir novos conhecimentos e melhorar o posicionamento diante textos divergentes a realidade de cada um. Este trabalho torna-se relevante, por causa da explanação sobre a Teoria da Estética da Recepção e aplicação do método recepcional, que apresenta uma metodologia pouco conhecida.

No primeiro capítulo deste trabalho, destinado à discussão da base teórica, apresentamos os princípios da Teoria da Estética da Recepção elaborada por Hans Robert Jauss e a leitura literária na perspectiva da referida teoria, destacando as sete teses elaboradas pelo autor e o quanto a Estética da Recepção é fundamental para a compreensão da importância do papel do leitor no âmbito da leitura literária.

No segundo capítulo, apresentamos uma breve explanação sobre leitura e leitores e, de forma mais detalhada, os princípios e etapas do método recepcional, elaborado com base na Estética da Recepção. Concluímos o referido capítulo, descrevendo como foi o processo de aplicação do Método Recepcional na escola campo de pesquisa.

Por fim, apresentamos as considerações que nos foi possível construir após a realização da pesquisa, tanto a pesquisa bibliográfica quanto a experimental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Princípios da Teoria da Estética da Recepção

Conceituar literatura tem sido motivo de preocupação por parte de muitos estudiosos, pois, é preciso considerar que a literatura não consiste apenas na valorização da forma escrita, mas também os textos orais.

A literatura apresenta diversas conceituações, e dentro dessa ampla perspectiva de estudo, inserem-se os questionamentos e as relações entre fato e ficção. Eagleton (2003, p. 02), questiona: “O fato de a literatura ser a escrita “criativa” ou imaginativa implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não criativas e destituídas de imaginação?”

É importante perceber a linguagem na qual um texto é considerado literário, pois a linguagem literária vai muito além de observância das regras da gramática normativa, se torna um objeto estético, com o objetivo de transmitir ideias e significados a serem compreendidas de acordo com a visão de cada leitor.

Diversos textos que foram escritos com uma finalidade em uma época, anos depois passaram a ser considerados literatura, pois o público de cada época valoriza e reconhece as obras de maneiras diferentes. Conforme esclarece Eagleton (2003, p. 98): “Toda interpretação é situacional, modelada e limitada pelos critérios historicamente relativos de uma determinada cultura; não há possibilidade de se conhecer o texto literário “como ele é”.

Quando uma obra ultrapassa uma geração ou uma determinada época, os sentidos se modificam, são construídos novos significados, diferentes das expectativas do próprio autor e do público-alvo para o qual foi escrita, pois quem constrói os sentidos da obra literária, atribuindo-lhe significados é o leitor, e este não é o mesmo em todas as gerações. Entretanto, no século XIX:

[...] acreditavam que a única interpretação possível era a fornecida pelo autor, ou seja, o significado da obra era propriedade de seu autor, não restando outras opções para os demais leitores influenciados por seu contexto histórico-social. (Miranda apud Gomes, 2009, p.38)

Essa perspectiva, ou seja, considerar que os sentidos da obra são determinados pelo autor, desconsidera a possibilidade de imprecisão na finalidade

do autor, como se a obra tivesse apenas um sentido incontestável, como se fosse algo fixo, sem espaço para o leitor refletir e se posicionar.

A hermenêutica, arte da interpretação, que tem como objeto de estudo a interpretação exata dos textos, foi o caminho principal para discussão dessa problemática. Alguns estudiosos defendiam a busca por uma compreensão melhor da visão do autor, e outros defendiam que toda significação estava exclusivamente no texto. A partir desta concepção, o método hermenêutico defende uma leitura reflexiva entre as partes do texto e do texto como um todo, pelo fato de uma parte ser relativamente entendida a partir de outra, uma técnica que ficou conhecida como Círculo hermenêutico. De acordo com Eagleton, no século XX:

A mais recente manifestação da hermenêutica na Alemanha é conhecida como a “estética da recepção” ou “teoria da recepção”; ao contrário de Gadamer, ela não se concentra exclusivamente em obras do passado. (2003, p.102)

Essa nova proposta da hermenêutica se aprofundou na atuação do leitor na leitura literária nos últimos anos, sendo este o menos privilegiado entre as três fases da história da teoria literária, pois o texto e o autor tinham mais relevância no processo de construção de sentido. A concepção de que o autor e o texto receberiam de certa forma uma maior preocupação dos críticos literários, foi se modificando a partir da ideia de que nos processos de leitura e de construção de sentidos, o leitor é tão essencial quanto o autor, visto que:

Como a palavra, como uma frase, como uma carta, assim também a obra literária não é escrita no vazio, nem dirigida à posteridade: é escrita sim para um destinatário concreto. (Krauss apud LIMA, 2002, p. 15)

Krauss também enfatiza que o leitor não era considerado tão oculto antes da nova abordagem da teoria da recepção; o fato de o leitor não ser tido como elemento importante no processo de construção de significado do texto era devido a crença de que ele estava determinado a seguir o contexto normativo da época.

Em 1967, Hans Robert Jauss proferiu, na aula inaugural do semestre na Universidade de Constância, a palestra “O que é e com que fim se estuda história da literatura?”, na qual o referido autor apresenta as sete teses que fundamentam a

teoria da estética da recepção, a qual tem como principal objetivo conciliar história e estética. Eagleton destaca que:

Um dos membros da Escola de Constância, cuja consciência histórica é mais aguda, é Hans Robert Jauss que, ao jeito de Gadamer, procura situar a obra literária num “horizonte” histórico, o contexto dos significados culturais dentro dos quais ela foi produzida, para em seguida explorar as relações variáveis entre ela e os “horizontes”, também variáveis, dos seus leitores históricos. (2003, p. 114)

Jauss critica os critérios nos quais está fundamentada a classificação da teoria literária, principalmente as fases da História da literatura que priorizavam os aspectos da vida e obra de alguns autores, para Jauss, isto não seria suficiente para a construção da historicidade da literatura, pois a qualidade da obra literária reside no processo de recepção e no impacto causado por ela.

Portanto, diante do exposto, a estética da recepção passa a valorizar o leitor na perspectiva de que a significação de um texto é construído por ele, isto é, não há um sentido estabelecido nas obras, cada leitor constrói suas próprias interpretações, e essa concepção não se limita apenas a literatura, pode ser aplicada em outros tipos de texto.

2.2 A leitura literária na perspectiva da Estética da Recepção

Analisando o desenvolvimento da história da literatura percebe-se que a literatura sempre teve um papel de grande importância, mas com o passar do tempo, alguns estudiosos perceberam que ela foi se tornando uma simples disciplina obrigatória no meio escolar.

A história da literatura é organizada por uma sequência cronológica, tendo em vista a subdivisão de categorias que são: escolas literárias, gêneros e tendências. A literatura era apresentada tendo por base a descrição de como os fatos realmente aconteceram, entende-se também que a qualidade de uma obra literária não depende apenas das circunstâncias históricas ou bibliográficas, mas sim dos parâmetros da recepção, sendo justamente nesse ponto que o leitor é alçado a um grau de significativa importância.

Na teoria literária de cunho marxista, ocorreu a busca pela associação entre a contemplação histórica e contemplação estética. Jauss percebe que:

Um nível mais elevado a teoria literária marxista alcançou nos momentos em que tentou definir a função da literatura enquanto elemento constitutivo da sociedade: [...] A poesia move-se em direção a um ouvir. É por essa razão que nela se gesta a sociedade à qual ela se dirige: o estilo é sua lei – e, pelo conhecimento do estilo, pode-se decifrar também o destinatário da poesia. (1994, p.15)

Krauss (1978), ao abordar as questões que abarcam literatura e Iluminismo em sua obra **“História da Literatura como um mandato histórico”**, não contrapõe às percepções marxistas, tendo em vista que a teoria literária marxista se mantinha sempre no mesmo caminho quando a problemática era a relação entre literatura e sociedade.

A teoria formalista também apresentou uma nova proposta para a evolução da história literária. De acordo com Jauss (1994, p. 20) “[...] a escola formalista aproximou-se bastante de uma nova compreensão histórica da literatura, no domínio do surgimento, da canonização e da decadência dos gêneros.” O formalismo atribui um novo sentido às perspectivas sobre arte, abrindo horizontes para novas formas literárias e alterações nos sistemas de gêneros. A partir das disputas entre o método marxista e formalista, Jauss percebeu uma certa limitação entre as duas teorias.

A escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo com que ela trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma dada sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como o sujeito da percepção, como alguém que, seguindo as indicações do texto, tem a seu cargo distinguir a forma ou desvendar o procedimento. (JAUSS, 1994, p.22)

Desta forma, a compreensão sobre os aspectos estéticos e históricos adquiridos pelo leitor são desvalorizados pelas duas metodologias. A problemática gerada em relação ao fator estético, ocorre pelo fato de como o leitor irá tirar suas conclusões sobre a obra logo em seu primeiro contato. Ele poderá formar sua opinião levando em consideração ou comparando com outras obras que para ele seja de grande importância. Da mesma maneira, a obra poderá sofrer

consequências do fator histórico, pois um conjunto de leitores de um período podem definir a sua relevância e ultrapassar gerações.

Em se tratando das teses elaboradas por Jauss para explicar a teoria da estética da recepção, quatro delas são referentes à estética literária e três estão relacionadas à história da literatura.

Na primeira tese, o autor reflete a definição da história da literatura, e defende que tal historicidade vai muito além do tempo que as obras ultrapassaram, mas visa a compreensão e interação dos leitores com a obra literária.

Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecida post festum, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre de novamente fazer-se, ele próprio, leitor. Em outras palavras: ele tem de ser capaz de fundamentar seu próprio juízo tomando em conta sua posição presente na série histórica dos leitores. (JAUSS, 1994, p.24)

A segunda tese leva em consideração a experiência literária do leitor, pois, a partir de seus conhecimentos prévios formados pelas suas experiências de vida e de leitura, geram um despertar de expectativas, estimulando o posicionamento emocional, causando assim, uma avaliação prévia do horizonte geral das interpretações de vários grupos de leitores.

A análise da experiência literária do leitor escapa ao psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir do sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como da oposição entre a linguagem poética e a linguagem prática. (JAUSS, 1994, p.27)

Algumas obras, propositalmente contrapõem o horizonte de expectativas. A princípio, prometem uma história que automaticamente o leitor passa a produzir

suas interpretações prévias e por fim depara-se com uma realidade totalmente diferente do proposto.

A terceira tese analisa o efeito da obra sobre o leitor. Tendo por base as perspectivas da estética da recepção, a experiência estética preexistente, pode determinar a categorização artística de uma obra, ou estabelecer um valor estético pela maneira em que se atende ou se opõe as expectativas do público leitor.

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova – cuja escolha, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, por ter por consequência uma “mudança de horizonte” - , tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia). (JAUSS, 1994, p.31)

Na quarta tese, Jauss verifica a questão da reconstrução do horizonte de expectativa. É perceptível que o período histórico do leitor interfere na construção de sentidos para o texto, por isso se faz necessária essa reconstrução a partir da compreensão da diversidade de significados desenvolvidos ao longo do tempo.

A reconstrução do horizonte de expectativas sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constitui uma resposta e que descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte – em geral aplicadas inconscientemente – e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época. Além disso, traz à luz a diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente de uma obra, dá a conhecer a história da sua recepção – que intermedeia ambas as posições – e coloca em questão, como um dogma platonizante da metafísica filológica, a aparente obviedade segundo a qual a poesia encontra-se atemporalmente presente no texto literário, e seu significado objetivo, cunhado de forma definitiva, eterna e imediatamente acessível ao intérprete. (JAUSS, 1994, p.35)

Prosseguindo o estudo, se faz necessário considerar os três aspectos destacados por Jauss para instituir as últimas três teses, elas serão analisadas diacronicamente, sincronicamente e relacionadas ao desenvolvimento literário.

A quinta tese, defende a ideia de que a categorização de uma obra literária não pode ser definida apenas pela primeira recepção. Na metodologia da estética da recepção, as obras são possibilitadas a mudarem de sentidos constantemente a cada leitura, levando em conta o aspecto diacrônico, ou seja, compreendendo a evolução da obra no decorrer do tempo.

A teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua “série literária”, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura. No passo que conduz de uma história da recepção das obras à história da literatura, como acontecimento, esta última revela-se um processo no qual a recepção passiva de leitor e crítico transforma-se na recepção ativa e na nova produção do autor – ou, visto de outra perspectiva, um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas. (JAUSS, 1994, p.41)

O aspecto sincrônico aparece na sexta tese, como um ponto essencial para a compreensão da historicidade da obra, pois, ao lado da diacronia, considera as recepções posteriores da obra e no período de sua produção, destacando o caráter atual.

Os resultados obtidos pela linguística com a diferenciação e vinculação metodológica da análise diacrônica e da sincrônica ensejam, também no âmbito da história da literatura, a superação da contemplação diacrônica, até hoje a única habitualmente empregada. Se já a perspectiva histórico-recepcional depara constantemente com relações interdependentes a pressupor um nexos funcional (“posições bloqueadas ou ocupadas diferentemente”) nas modificações da produção literária, então há de ser igualmente possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento, classificar a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelar um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico. Poder-se-ia, então, desenvolver o princípio expositivo de uma nova história da literatura dispondo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses

cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, a mudança estrutural na literatura. (JAUSS, 1994, p.46)

Por fim, a sétima tese mostra a importância da atribuição da experiência habitual do leitor para o enriquecimento de sua criticidade, quando a obra rompe com o horizonte de expectativa e prossegue na observação dos aspectos sincrônicos e diacrônicos.

A tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p.50)

Nesta tese, é explícita a preocupação com a construção da visão crítica do leitor, como também o efeito causado pela obra socialmente, psicologicamente e seu auxílio aos preceitos éticos.

Por tanto, tendo como base a Teoria da Estética da Recepção, posteriormente será discutido a relação teórica e prática em sala de aula.

3 MÉTODO RECEPCIONAL EM SALA DE AULA

3.1 Leitura e leitores

O processo de formação de leitores é marcado por sérios entraves tanto para os alunos quanto para os professores, é necessário que a escola ressalte a importância da leitura, motivando nos alunos o hábito da leitura e o prazer de ler. Segundo Perisse (2002, p. 24) “Lendo, estamos apostando na construção de nós mesmos, e, por conseguinte, também da nossa expressão verbal e escrita.” Cabe aos educadores, planejar metodologias que sejam eficazes para satisfazer o gosto dos alunos pela leitura.

O desinteresse pela leitura da maioria dos alunos é originado por diversos problemas, começa desde a formação dos professores, organização político-pedagógico da escola, planejamento das aulas, problemas socioeconômicos, dentre outros. A partir desses fatores, Magnani (2001, p.11) percebe que “A falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em consequência, do seu fracasso enquanto cidadão”. Alguns alunos leem apenas quando o professor solicita, e geralmente conhecem apenas fragmentos das obras que são veiculados nos livros didáticos, com o objetivo de responder o exercício proposto. Por isso, conseqüentemente, eles sofrem muito com essa dificuldade na leitura de textos um pouco mais complexos, como por exemplo os clássicos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino fundamental alertam:

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais. (1998, p.70)

A leitura de textos também faz parte do processo de ensino-aprendizagem de outras disciplinas além da Língua Portuguesa, mas é geralmente utilizada apenas com a intenção de desenvolver as propostas metodológicas, sem considerar o sentido e a finalidade completa do texto. De acordo com Magnani (2001, p.49) “[...] a leitura é um processo de construção de sentidos” ou seja, durante a leitura e a interpretação ocorrem a “reprodução dos significados” dos textos e a “Produção de

novos significados”. O aluno é estimulado apenas a reproduzir ou recriar textos a partir de outros textos que servem como suporte.

Quando o leitor tem a liberdade de escolher os textos, é provável que este momento seja marcado por algumas circunstâncias sociais que delimitam o acesso. Magnani (2001, p.63) percebe que “[...] a imposição de leituras tem mostrado que a noção de valor contida na seleção de textos pode gerar equívocos no contexto da nossa realidade educacional, reforçando o des-gosto do aluno pela leitura e pela literatura [...]”. É notória essa problemática na seleção das leituras propostas pela escola e as leituras opcionais e livres escolhidas pelos alunos.

3.2 Princípios do método recepcional

A Estética da Recepção valoriza as perspectivas do leitor e apresenta-se como subsidiária de uma metodologia pouco conhecida e pouco utilizada em sala de aula, pois na maioria das escolas os professores ainda seguem metodologias tradicionais de ensino para trabalhar a leitura literária.

Com base na teoria da Estética da Recepção, as professoras Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Graça Bordini elaboraram o método recepcional, o qual parte deste reconhecimento do leitor, ressaltando o quanto é essencial considerar o processo de interação entre leitor e obra, pois: “A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. (AGUIAR & BORDINI, 1988, p. 83)”

Vários aspectos são levados em consideração para o autor e o leitor construírem seus horizontes de expectativas, pois, o processo de produção e recepção gera a possibilidade de identificação ou estranhamento entre as duas perspectivas.

Quanto as expectativas do leitor sobre a obra, Aguiar & Bordini (1988, p.83) enfatizam que “[...] a valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, elas produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse.” Geralmente as obras que provocam os leitores a analisar e refletir profundamente, são menos aceitáveis por exigir que eles saiam da zona de conforto.

A aplicação do método recepcional em sala de aula, fundamenta-se a partir da apresentação de diversos tipos de textos pelo professor, os quais serão trabalhados em cinco etapas: Determinação do horizonte de expectativas, Atendimento do horizonte de expectativas, Ruptura do horizonte de expectativas, Questionamento do horizonte de expectativas e Ampliação do horizonte de expectativas.

Partindo para os objetivos do método recepcional, Aguiar & Bordini (1988, p.86) afirmam que no final do método os alunos devem: “1) Efetuar leituras compreensivas e críticas; 2) Ser receptivo a novos textos e leituras de outrem; 3) Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.”

Cabe ao professor que irá desenvolver o método recepcional, elaborar estratégias e técnicas que estimulem a participação dos alunos para que no final do trabalho possam obter um resultado satisfatório, ajudando no amadurecimento dos alunos enquanto leitores, tornando-os aptos a se posicionarem diante de cada texto e aprimorando o conhecimento literário, crítico, social e cultural.

3.3 Relato de Experiência

O método recepcional foi aplicado em uma turma de 25 alunos do 7º ano na Escola do Ensino Fundamental e Médio Américo Maia, da professora Edvânia Batista Moraes, por meio do ensino remoto. A partir do contato que tive com o referido método, no componente curricular Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa II ministrado pela professora Marta Lúcia, senti o interesse de colocá-lo em prática, visto que era pouco conhecido pela escola onde a pesquisa foi desenvolvida.

No primeiro momento conversei com a professora para organizar os horários e para explicar como iria funcionar o desenvolvimento deste trabalho. Para cumprir com a primeira etapa “Determinação do horizonte de expectativas”, iniciei a aula do dia 07 de Abril apenas com um simples debate para conhecer melhor a turma. Em seguida, expliquei um pouco sobre minha presença nas aulas da turma e fizemos a leitura de alguns textos. Lemos o conto “O dono da bola” e a fábula “O lobo e o cão” de Ruth Rocha e a crônica de Fernando Sabino intitulada “A última crônica”. No

final da aula expliquei sobre um pequeno questionário o qual eles iriam responder e enviar para mim por meio do WhatsApp.

Durante a semana, mais da metade da turma enviou as respostas. Depois de analisar os questionários respondidos, percebi que a maioria dos alunos gosta de textos, filmes e séries sobre aventuras, ou seja, a aplicação do questionário me possibilitou cumprir a primeira etapa do método recepcional, isto é: Determinação do horizonte de expectativas.

Planejei as ações da segunda etapa do método recepcional: “Atendimento do horizonte de expectativas” e ministrei aula no dia 14 de Abril. Nesta aula apresentei o resumo de dois filmes “Moana- Um mar de aventuras” e “Jumanji: Bem vindo à selva”, como sugestão para assistirem os filmes na íntegra em outros momentos, visto que, alguns problemas com a internet dificultam a exibição durante a aula remota. Os filmes positivamente atenderam as expectativas dos alunos, pois estimularam a interação, fazendo com que eles também sugerissem filmes, livros e séries com a mesma temática. Os alunos fizeram a leitura coletiva do conto “A Criatura” de Laura Bergallo e comentamos sobre as semelhanças entre o filme “Jumanji: Bem vindo a selva” com este conto.

Outro ponto da interação foi relacionado às diferenças que eles perceberam entre as obras e os filmes. Eles analisaram as características de alguns personagens de obras já lidas e as atuações destes personagens nos filmes, como também algumas mudanças no enredo, por fim, foi sugerida a leitura de livros como “Os três Mosqueteiros”, “Peter Pan”, “Alice no País das Maravilhas e Harry Potter.

A terceira fase, “Ruptura do horizonte de expectativas”, ocorreu no dia 05 de Maio, iniciei a aula com a leitura do texto informativo “Turismo, aventura, risco e perigo” disponível no site do Instituto Ecobrasil, com o intuito de mostrar o lado negativo das aventuras. O texto enfatiza os perigos presentes em algumas atividades, inclusive esportivas, tanto em ambientes naturais quanto urbanos. Durante a leitura, alguns alunos comentaram sobre o quanto é importante o cuidado durante as atividades recreativas, e que tudo é questão de equilíbrio e não ultrapassar os limites do que pode e do que não pode fazer.

Seguindo adiante, apresentei um vídeo da ex ginasta brasileira Lais Souza, que também praticava o esqui estilo livre, falando sobre o acidente que a deixou tetraplégica enquanto treinava para os jogos Olímpicos de Inverno de 2014. Os alunos ficaram muito surpresos com a história dela, e durante a aula pediram para

pesquisar e se aprofundar mais sobre os perigos deste esporte. No mesmo momento, pesquisei junto com a turma e finalizamos a aula com um debate bastante proveitoso.

No dia 12 de maio, passamos para a etapa do “Questionamento do horizonte de expectativas”, fizemos uma breve discussão sobre o que já havíamos trabalhado, e os alunos ficaram à vontade para falarem sobre os aspectos que mais chamaram a atenção. Alguns alunos relataram terem ficados impactados com o choque de realidade sobre as aventuras no esporte, quando conheceram a história da ex ginasta Laís Souza, e outros gostaram muito da segunda etapa do método recepcional, pois além de terem conhecido novos textos e filmes, também sugeriram séries e perceberam a importância de lerem as obras e perceber as divergências quando se compara com os filmes, o exemplo que eles mais citaram foi o filme e o livro de Harry Potter.

No mesmo dia, na segunda aula, concluímos com a etapa, “Ampliação do horizonte de expectativas”, continuamos com o debate, e partimos para a reflexão sobre a relação entre leitura, ficção e vida real. Por fim, os alunos comentaram que se tornam um pouco mais curiosos quando leem um livro ou assistem um filme para buscarem se aprofundar mais sobre a temática, eles se sentem mais entusiasmados e instigados a pesquisar e perceber os diversos aspectos que eles podem descobrir durante as pesquisas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada, pode-se destacar, com base nos estudos de Hans Robert Jauss, a importância do efeito de sentido causado a partir da concepção de que a construção de sentido é feita de acordo com a realidade do leitor e da época em que a obra é lida.

Jauss defende que a história da literatura não se resume apenas no autor e na obra, para ele esses aspectos não são suficientes. A partir desta perspectiva, o teórico buscou a valorização do leitor e apresentou a Estética da recepção como uma base teórica em que é possível perceber diversas versões de interpretações de uma mesma obra, além de não se delimitar apenas na literatura.

A experiência da aplicação do método recepcional em sala de aula, permitiu a escola o contato com uma metodologia pouco conhecida no trabalho com a leitura literária, e positivamente possibilitou aos alunos conhecerem novos textos, ampliarem seus conhecimentos, e a desenvolverem a habilidade de perceber uma diversidade de aspectos a serem estudados dentro de um texto de forma aprazível.

Dessa forma, é importante que, no trabalho com a leitura em sala de aula, seja considerado o papel do leitor, pois a compreensão de uma obra dependerá das vivências, dos contextos sociais, ideológicos ou literários de cada leitor, de seus horizontes de expectativas e de sua predisposição a ampliar esses horizontes, tornando-se um leitor proficiente.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V.T; BORDINI, M.G. **Literatura: a formação do leitor:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma introdução. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, Mariana Andrade. Experiência Estética e Estética da Recepção. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº 39, p.37-45, Dezembro de 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoi/> Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H.R. **A literatura e o leitor:** Textos de Estética da Recepção. Seleção, Coordenação e tradução de Luis Costa Lima. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola:** Sobre a Formação do Gosto. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

PERISSE, Gabriel. Entrevista. **Tantas Palavras.** 2002. Disponível em: http://www.tantaspalavras.com.br/gabriel_perisse.php. Acesso em 10 mai. 2021

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Nome completo e idade:

Qual o assunto predileto de sua turma/seus amigos?

Qual a sua música favorita?

Qual é o filme que você mais gosta?

Gosta de ler? O quê?

Qual foi o último livro que você leu?

Que livro você mais gostou?

Quando estudava no ensino infantil você lia mais ou menos do que agora? Por quê?

Caso lembre cite o trecho de livro, conto, ou poesia que mais marcou você. Se não conseguir lembrar exatamente o que dizia apenas relate o sentido geral. Não se esqueça de mencionar de que obra é.

Se pudesse ser um personagem de um filme, novela ou livro, qual seria?

Você costuma dar livros de presente?

Costuma ganhar livros de presente?

Qual seu programa de televisão favorito?

O que você mais gosta de fazer?

Qual profissão quer seguir? Por quê?